

**PODER /** Valdemar Costa Neto diz que presidente ajudará a manter sob controle os grupos mais radicais do bolsonarismo, que promovem atos antidemocráticos

# PL de Bolsonaro dará vez à extrema direita

» VINICIUS DORIA  
» RAPHAEL FELICE

ED ALVES/CB/D.A.Press



**Com o silêncio que adotou após a derrota, Bolsonaro tenta manter sua base de seguidores mobilizada**

O PL, partido do presidente Jair Bolsonaro, espera tê-lo como o presidente de honra da agremiação e o líder que comandará a oposição ao governo do PT e seus aliados nos próximos quatro anos. Essa liderança se estenderá à extrema direita, a versão mais radical do bolsonarismo, que se recusa a reconhecer o resultado das urnas e mantém mobilizações antidemocráticas na porta de quartéis e bloqueios nas estradas. O presidente da legenda, Valdemar da Costa Neto, disse ao **Correio** que Bolsonaro ajudará a manter essa ala abrigada no PL, sob controle do atual presidente.

“Esse é um dos principais motivos que eu vejo da entrada do Bolsonaro (no PL), dele poder trabalhar pelo partido, que ele tenha o controle desse pesoal”, disse Costa Neto. O político também declarou não ter medo dos radicais: “Sempre convivi com eles, eles podem ficar, com o maior prazer”. Costa Neto prometeu ao presidente, além do cargo honorífico, toda a estrutura administrativa da agremiação para que ele possa trabalhar nos próximos quatro anos.

Mesmo após o Ministério da Defesa divulgar o relatório sobre a auditoria das urnas eletrônicas, em que nada de irregular foi constatado, o presidente Jair Bolsonaro (PL) segue sem se pronunciar. O parecer das Forças Armadas era visto por Bolsonaro e aliados como argumento para contestar o resultado das urnas. Entretanto, a expectativa de colisão entre as Forças Armadas e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não se concretizou. Mas o presidente alimenta, com seu silêncio sobre o resultado das eleições, a base de apoiadores mais radicais que ainda estão em clima de confronto com o Estado Democrático.

Um dos objetivos do presidente é se manter como líder da extrema direita bolsonarista

que financia, articula e mobiliza os grupos mais radicais e violentos, entre eles os que promovem bloqueios ilegais nas rodovias e ameaçam opositores e jornalistas nas manifestações que pedem intervenção militar. Nesses grupos estão militantes armados, com posse e porte de armas de fogo autorizados por decretos do presidente.

## Base mobilizada

Desde que se candidatou à Presidência pela primeira vez, em 2018, Bolsonaro ataca sem provas as urnas eletrônicas, dando munição a teorias conspiratórias que são disseminadas pelos apoiadores. Mas o silêncio dos últimos 13 dias contrasta com o mandato de muito barulho, marcado por motociatas, conversas com apoiadores no cercadinho do Alvorada, “lives” e declarações polêmicas. Da derrota nas urnas para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) até ontem, Jair Bolsonaro só percorreu o trajeto entre

os palácios da Alvorada e do Planalto duas vezes.

Ao trocar as aparições públicas pelos bastidores, o presidente tenta encontrar uma maneira de manter sua base mobilizada. Bolsonaro chegou a consultar o Exército sobre a possibilidade de judicializar o pleito, com o argumento de que Lula não deveria ter disputado as eleições por causa das condenações na Operação Lava Jato — todas anuladas pela Justiça. Os militares, porém, se negaram a embarcar na aventura de um autogolpe de Estado ou intervenção militar.

Bolsonaro fez apenas dois pronunciamentos públicos desde que a Justiça Eleitoral confirmou a vitória de Lula. Em nenhum deles reconheceu a derrota. Limitou-se a pedir aos apoiadores que não obstruíssem as vias públicas nas manifestações golpistas.

O único gesto de distensionamento feito pelo incumbente foi quando chamou Geraldo Alckmin (PSB) ao gabinete presidencial para um breve encontro.

Segundo o vice eleito e coordenador do gabinete de transição, Bolsonaro se colocou à disposição para ajudar na transição.

Interlocutores próximos ao governo associam a derrota de Bolsonaro à má avaliação de seu entorno político, que via Lula como adversário ideal para a campanha de reeleição. O próprio presidente enxergava no duelo uma boa oportunidade de reforçar o antipetismo no eleitorado. É esse capital político que o PL tenta preservar.

O problema será a convivência com os radicais. Aliados citam que os atos da deputada Carla Zambelli (PL-SP) e do ex-presidente do PTB, Roberto Jefferson, ajudaram na derrocada da campanha pela reeleição. Jefferson recebeu a tiros e granadas agentes da Polícia Federal (PF) que foram prendê-lo após decisão do Supremo Tribunal Federal. Zambelli apontou uma arma para um homem negro, em pleno centro de São Paulo, após discussão motivada por divergências políticas.

## Transição anuncia Bela Gil e mais quatro

Reprodução/Instagram

» VICTOR CORREIA

A transição do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva oficializou, em edição extra do *Diário Oficial da União*, mais 44 integrantes da equipe que atuará no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) até a posse do novo governo. Grande parte dos nomes já havia sido anunciada durante a semana pelo coordenador da transição, o vice-presidente eleito Geraldo Alckmin (PSB). Porém, cinco novos membros constam na lista.

A socióloga Margarida Quadros — amiga da futura primeira-dama e também socióloga, Rosângela da Silva, a Janja — comporá o grupo de Direitos Humanos. Luciano Coutinho, ex-presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), foi escalado para a equipe de Indústria, Comércio e Serviços. A apresentadora e chefe de cozinha Bela Gil integrará o grupo técnico de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, assim como o secretário executivo do MDB, Reinaldo Takarabe, e o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Centro de Referência em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Ceresan) da instituição, Renato Sérgio Jamil Maluf.

Os 44 integrantes estão distribuídos na coordenação de sete grupos técnicos: Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Comunicação; Direitos Humanos; Mulheres; Indústria, Comércio e Serviço; Economia; e Planejamento, Orçamento e Gestão. Os cargos de cada grupo estão divididos em coordenação, relatoria, assessoria administrativa, e integrantes permanentes ou convidados. Além



**Militante ativa na eleição de Lula, Bela Gil é filha de Gilberto Gil**

### » Lula faz exames antes da COP27

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) submeteu-se, ontem, a uma bateria de exames no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Segundo boletim médico, os testes constataram uma inflamação na garganta do petista, decorrente de esforço, e uma pequena leucoplasia — placas de coloração branca, geralmente benignas — na laringe. Também foi ratificada a “completa remissão” do câncer na garganta, diagnosticado em 2011. Lula foi atendido pelos médicos Roberto Kalil Filho (cardiologia), Artur Katz (oncologia clínica) e Rubens Brito (cirurgia geral). Amanhã, Lula embarca para o Egito, como convidado do presidente egípcio, Abdel Fattah El Sisi, para participar da 27ª Conferência do Clima — COP27.

disso, dois dos nomes oficializados ocupam Cargo Especial de Transição Governamental: Daniella Fernandes Cambauva e Vinicius Carnier Colombini.

Entre os nomes registrados nessa leva estão a senadora Simone Tebet (MDB-MS), o ex-governador do Rio Grande do Sul Germano Rigotto (MDB), o

presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, André Ceciliano (PT), o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, e os economistas Pêrsio Arida e André Lara Resende.

A equipe de transição de Lula será dividida, ao todo, em 31 núcleos temáticos de trabalho. A expectativa é que sejam mais

de 100 pessoas ocupando as salas do CCBB entre remunerados e voluntários — 50 deles remunerados, com salários variam entre R\$ 2.701,46 a R\$ 17.327,65.

### Pronta para somar

Em suas redes sociais, Bela Gil disse que recebeu a nomeação “com muita honra”. “É uma responsabilidade que carrego com a certeza de que nos levará a caminhos mais prósperos e saudáveis”, escreveu. “Sempre enxerguei a política como um dos pilares da transformação que eu acredito e almejo. Então, meus companheiros de trabalho, tô pronta para somar!”, completou.

A apresentadora e chef de cozinha é mestra em Ciências Gastronômicas pela Universidade de Ciências Gastronômicas da Itália (Unisg) e especializou-se em alimentação e nutrição holística durante a formação. Ela também é vice-presidente do Instituto Brasil Orgânico (IBO), organização que atua pela segurança alimentar e combate à fome. Na televisão, ela comanda o programa *Bela Cozinha*, transmitido pelo GNT desde 2014. Nas redes, ela acumula mais de dois milhões de seguidores. Bela Gil também é filha do músico e ex-ministro da Cultura durante o governo Lula, Gilberto Gil.

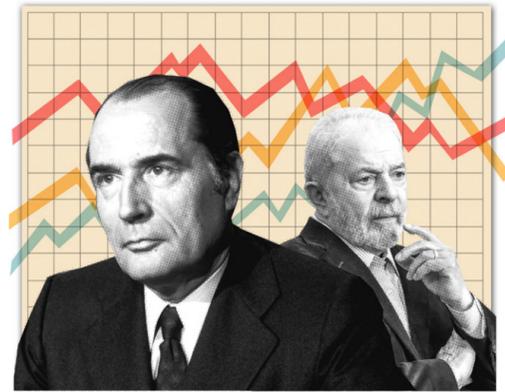
A chef participou ativamente da campanha eleitoral de Lula. Ela foi uma das apresentadoras do evento de lançamento da chapa Lula-Alckmin, em maio, em um centro de exposições em São Paulo. Em fevereiro, ela recebeu o petista em seu restaurante Camélia Odódó, também na capital paulista, para um encontro com militantes. A culinária é filiada ao PSol desde 2020.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azeido



Luizazeido.df@dabr.com.br



## O legado de Mitterrand e o dilema de Lula

François-Maurice-Marie Mitterrand (1916-1996) nasceu em Jarnac e estudou direito e letras na Universidade de Paris. Durante a II Guerra Mundial, foi integrante da Resistência Francesa, movimento de oposição ao nazismo. Deputado de 1946 a 1958, no ano seguinte elegeu-se senador. Em 1965, como candidato único dos partidos de esquerda, obteve 44,8% dos votos no segundo turno das eleições presidenciais, vencida por Charles de Gaulle. Secretário do Partido Socialista desde 1971, disputou novamente a Presidência em 1974 e foi derrotado por Valéry Giscard d'Estaing. Entretanto, o derrotou nas eleições de 1981 e se tornou primeiro socialista a chegar à Presidência da França.

Mitterrand entusiasmou os eleitores oferecendo a possibilidade de rompimento com o capitalismo. Destacou-se por tomar medidas estatizantes e fazer reformas sociais, mas, em consequência da crise econômica mundial, não conseguiu reduzir o desemprego e controlar a alta dos preços. O mercado reagiu fortemente a sua política e descobriu-se, então, que o poderoso Estado nacional francês já não controlava a economia. Para evitar a fuga de capitais, Mitterrand foi obrigado a recuar, combater a inflação e priorizar a integração com a Comunidade Econômica Europeia, que daria origem à União Europeia, sua grande bandeira na política externa.

Mesmo assim, dois anos depois de sua eleição, os conservadores venceram as eleições legislativas, o que obrigou Mitterrand a governar com o gaullista Jacques Chirac como primeiro-ministro. Não obstante, em 1988, foi eleito para um segundo mandato, marcado pela mudança de três primeiros-ministros e pelo crescimento da extrema-direita. Ao final de dois mandatos à frente do país, crises econômicas sucessivas, medidas de austeridade, o fracasso dos programas de nacionalização e o alinhamento da França a uma Europa liberal e de moeda única, o eleitorado popular absorveu esses acontecimentos como uma renúncia e, até mesmo, uma traição à população mais necessitada.

Mitterrand fora forçado a abandonar o programa socialista e se render ao projeto liberal de Helmut Kohl, eleito primeiro-ministro alemão em 1982. No processo de modernização que promoveu entre 1980 e 1995, os capitalistas, principalmente quem aplicou seu dinheiro em ações, se deram muito bem, obrigado. O valor médio das ações francesas atingiu em 1995 um nível sete vezes mais alto do que em 1980. Enquanto isso, o salário anual do operário francês subiu pouco mais de 5% nesse mesmo período. Houve uma quase estagnação salarial no meio operário nos 15 anos de presidência de Mitterrand.

### Acerto de contas

Em contrapartida, o sistema de proteção social, a educação nacional e os transportes geridos pelo setor público francês se mantiveram e se modernizaram. Mitterrand conseguiu abolir a pena de morte; nacionalizar cinco grupos industriais e 39 bancos; estabelecer a aposentadoria aos 60 anos; descriminalizar a homossexualidade; promover o fim do monopólio estatal da radiodifusão; inaugurar o Musée d'Orsay, o Instituto do Mundo Árabe, a pirâmide do Louvre e a pedra fundamental da Biblioteca Nacional da França; reforçar a relação franco-alemã; consolidar a Comunidade Europeia; e criar a União Europeia com a assinatura do Tratado de Maastricht, em 1992.

Várias medidas sociais foram ratificadas, como a que pôs fim ao registro de homossexuais e retirou a homossexualidade da lista de perturbações mentais. O governo também introduziu a passagem da maioria sexual para 15 anos para todos, abolindo a distinção introduzida em 1942 — e confirmada em 1945 — na idade do consentimento entre relações homossexuais e heterossexuais. O estilo de vida homossexual deixou de ser uma cláusula de cancelamento de um arrendamento residencial.

O legado de Mitterrand é polêmico. Motiva um acerto de contas entre a esquerda herdeira de Maio de 68, que aposta na sociedade civil, no multiculturalismo e nos mecanismos de mercado (gauche sociétale), e a esquerda estatista (gauche étatique), baseada nas doutrinas da Frente Popular (1936-1937), na intervenção estatal, no jacobinismo centralista e na aliança entre comunistas e socialistas, defendida e praticada por Mitterrand. Enquanto se digladiava, o mundo mudou e a esquerda se tornou culturalmente minoritária. Ao deslocar o debate da questão social para a questão identitária, os intelectuais de esquerda já não conseguem mais mobilizar a sociedade, enquanto os trabalhadores abandonam os sindicatos e buscam refúgio no populismo de extrema-direita.

A política norte-americana e nossos vizinhos sul-americanos — Argentina, Chile, Venezuela e Colômbia — são pontos de referência para as análises comparativas com a política brasileira, mas vale a pena um olhar em direção à experiência francesa. O primeiro mandato de Mitterrand serve de parâmetro para compreender o tamanho do dilema do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nesse terceiro mandato. A reação do mercado ao seu discurso de quarta-feira e à indefinição sobre o futuro ministro da Fazenda não pode ser vista apenas como uma chantagem barata dos grandes grupos econômicos ou mera especulação de espertalhões que operam na Bovespa. Há muito mais coisas envolvidas. Uma delas é encontrar um meio termo entre a agenda econômica liberal e o nacional-desenvolvimentismo da esquerda, para que o novo governo enfrente o problema das desigualdades, mas não jogue a criança fora com a água da bacia.